



Audiovisual da minoria na web e a construção de identidades¹

Haydêe Sant'Ana ARANTES²

Rafaella Prata RABELLO³

Christina Ferraz MUSSE⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo: O objetivo do nosso artigo é verificar as principais representações audiovisuais da periferia de Juiz de Fora, disponíveis no *Youtube*, nos últimos cinco anos. A partir da listagem dos dez vídeos mais acessados no buscador do site, ligados à palavra-chave “periferia Juiz de Fora” e “comunidade Juiz de Fora” pretendemos perceber como esses conceitos são utilizados na representação de populações carentes. Observamos que o *hip hop* aparece como uma expressão artística da periferia e a música *gospel* reflete um discurso religioso que prega a unidade, sendo associada geralmente a comunidade.

Palavras-chave: audiovisual; internet; periferia; comunidade; identidade.

Introdução

O advento do computador, no século XX, revolucionou a sociedade, fazendo com que um novo tempo surgisse: a Era Digital. Com isso, a informação adquiriu um novo sentido, passando a ser valorizada como um bem tão importante quanto dinheiro ou status social. Atualmente estar informado é essencial para qualquer indivíduo em todos os tipos de atividades que realize, seja no trabalho, estudo ou lazer.

A oportunidade de interação que a internet oferece ao usuário garante o sucesso da circulação das informações que são produzidas, recebidas e repassadas constantemente. Essa interatividade cria uma rede de conectividade sem fronteiras integrando pessoas do mundo inteiro através da troca de informações, compartilhamento de imagens, vídeos etc. “As tecnologias – a digitalização em primeiro lugar – quebraram as barreiras de tempo e espaço, introduzindo o passado e o futuro nas equações de um presente perpétuo” (FERREIRA; VIZER, 2007, p.39).

A internet constitui-se como uma grande rede de conexões, possibilitando aos internautas um espaço multimídia, no qual todos podem colaborar para a construção do

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Intercom Sudeste, com o tema: “Esportes na Idade Mídia”, realizado entre os dias 28 a 30 de junho em Ouro Preto.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: ydesantana@yahoo.com.br

³ Bolsista Pibic/CNPq. Estudante de graduação do 8º período de Jornalismo no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e do 6º período de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: rafaella_prata@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho e coordenadora do projeto: Cidade e memória: a construção da identidade urbana pela narrativa audiovisual. E-mail: musse@terra.com.br



conhecimento através da troca de informações, criando-se assim um conhecimento coletivo denominado como “inteligência coletiva”.

É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, senão o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas. Uma inteligência distribuída por toda parte: tal é o nosso axioma inicial. Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade. (LEVY, 2003, p.67)

O conhecimento coletivo proporcionado por essa era da convergência midiática, caracterizada por múltiplas plataformas de mídias interconectadas estimula a participação das pessoas em grupos, comunidades e fóruns nas redes gerando um fluxo comunicacional em que as informações vão se organizando e encaixando como se fizessem parte de um quebra-cabeça. Nesse universo conhecido como cibercultura o indivíduo tem liberdade para poder expressar suas opiniões sem ter que se preocupar com o controle exercido pelo Estado. O espaço das redes é como um espaço de anárquico, no qual o indivíduo sente-se mais à vontade para revelar o que pensa, deseja ou teme.

A informação na contemporaneidade está a mercê do Estado, das grandes organizações comerciais e industriais e dos partidos políticos. A participação popular na web serve como um contraponto para as fontes de poder que nesse caso não possuem o controle absoluto da comunicação. Apesar disso, observa-se que instituições, corporações e partidos políticos procuram utilizar o meio como forma de propagar suas idéias e conquistar mais seguidores. As atualizações institucionais e assuntos cotidianos da população são expostos cada dia de maneira mais expressiva na rede.

No nicho digital o usuário tem a liberdade de poder “logar” e mover-se graças às ferramentas, que possibilitam uma visibilidade de vivências. As formas de sociabilização vêm se transformando com os novos aparatos tecnológicos. O espaço público tem grande parcela constituída pelas dimensões variadas de entretenimento cujos recursos provêm do imaginário social e do subjetivismo privado. Muito afetada pela esfera do espetáculo, a vida comum transforma a cidadania política em desempenho narcísico. Mas, apesar disso, ela tem sido usada por alguns grupos, com os do *hip hop*, para o resgate sobre a cidadania perdida.



As atividades comunicacionais no ciberespaço geram uma interatividade democratista entre indivíduos virtualmente reunidos, mas afetivamente afastados. Mesmo assim, constrói-se uma nova integração de grupos com a sensação de pertencimento à geração tecnológica. Sodré observa inclusive mudanças na enunciação de identidades pessoais e grupais “Na nova maneira de “narrar” o eu, a vida aparece como uma espécie de colagem, maleável e incoerente, de experiências acidentais” (2002, p.161).

O espaço das redes ao mesmo tempo que privilegia a individualidade do usuário, mobiliza-o à participação em grupos com a finalidade de discutir questões ligadas a seus interesses. As redes, principalmente as redes sociais, acabam se constituindo como novos espaços para o exercício da cidadania. Problemas que antes eram discutidos em comícios, palestras, reuniões agora passam a ser questionados por grupos na web.

Portanto, a cidadania, para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria (...) Afinal, não seria o monopólio midiático o latifúndio contra o qual os “sem-voz” deveriam lutar? (BARBALHO, 2005, p. 34-38).

Esse deslocamento das discussões do espaço físico para o espaço virtual permite a democratização do acesso à informação, proporcionando à população um lugar de fala que dificilmente seria disponibilizado em situações presenciais.

1 Vídeo e a identidade das minorias

A manifestação audiovisual no Brasil teve impulso na década de 80 pela demanda de grupos que não se sentiam representados nos meios de comunicação. Assim, eles tiveram uma mobilização no sentido de registrar e difundir suas ideias e ações. Encontros e festivais eram lugares comuns usados na divulgação das produções.

Nos anos 2000, o vídeo ganha uma nova roupagem com o advento tecnológico e a expansão do uso das ferramentas multimídia por parte das periferias e comunidades. Observamos movimentos de vários segmentos sociais com o intuito de favorecer e promover a popularização dos vídeos nas camadas menos favorecidas. A democratização da produção audiovisual permitiu que novas vozes alternativas conquistassem espaços como em programas de TV, telejornais, blogs, etc.



É a possibilidade do registro histórico e da denúncia pela perspectiva de quem vive o fato narrado. O fazer pensando, que investiga inovações teimosas. O novo que emerge como gramínea nas brechas do concreto. A beleza apagada pelo sofrimento diário do ônibus lotado, do trabalho forçado, do esgoto a céu aberto, da moradia precária renasce, ainda que muitas vezes de forma inconsciente, pela linguagem, pela estética, pela reinvenção da forma (LEONEL, MENDONÇA, 2010, p.331).

A convergência tecnológica facilitou a gravação dos vídeos, inclusive por telefone móvel, agilizando a postagem das imagens na internet em tempo real. Apesar de problemas com relação à qualidade técnica a primazia em dar a informação em primeira-mão é a grande justificativa para o amplo compartilhamento nas mídias. Nas avaliações do vídeo popular constata-se uma deficiência na relação entre a forma e a mensagem.

A reflexão sobre a articulação entre os meios utilizados para sensibilizar o espectador e a mensagem veiculada foi rara nos textos produzidos no âmbito do movimento do vídeo popular e também nos vídeos. O que se verifica é um relativo consenso na listagem dos aspectos que são rejeitados [...] e na listagem das soluções para a superação das deficiências – criatividade, diversificação dos formatos, pluralidade, incorporação das contradições (OLIVEIRA, 2001, p.390).

O que também corrobora para que não haja uma preocupação com a estética é que falta aos produtores conhecimento técnico para aperfeiçoarem as produções. O produtor utiliza-se de métodos simples e ágeis para selecionar um fato cotidiano, gravar as imagens, editar e tornar o seu “olhar” conhecido no ambiente virtual.

A internet também é mais utilizada porque não precisa de incentivo de políticas para a propagação dos conteúdos para o público, o que tem levado os realizadores à criação de circuitos alternativos em redes sociais, *blogs* e *chats*. Entretanto, na maioria das vezes, esses canais ainda são restritos a um pequeno grupo que está ligado a esses produtores. O bombardeamento de informações prejudica a divulgação desses conteúdos que permanecem pulverizados na sociedade.

Embora o indivíduo esteja submetido a esse grande fluxo de notícias, ele possui um apelo de ser representado e de ver sua comunidade local nos veículos de comunicação, de estabelecer um pertencimento ao seu espaço de origem ou de moradia. “Para o indivíduo, a necessidade de pertencimento à comunidade significa também o seu enraizamento no cotidiano do outro, bem como o reconhecimento de sua própria existência” (PAIVA, 1998, p.93).



2 O *hip hop* e a visibilidade dos jovens dos grandes centros urbanos

Os jovens são produtores ativos na Era Digital. Eles vivenciam situações nas cidades e, principalmente, em suas comunidades e colocam à disposição pública suas observações da realidade. A internet proporciona uma relação mais autônoma e produtiva com o universo audiovisual: a facilidade de produção, distribuição e apropriações de sons e imagens transformam os jovens em agentes sociais que aos poucos vão deixando de lado a postura passiva frente à produção massiva de informação para assumir o papel de produtores de conteúdo. O *hip hop*⁵ é um grande exemplo de linguagem utilizada pelos jovens através do vídeo. Esse estilo é uma manifestação cultural e também um movimento político. Existe uma fusão de quatro elementos que definiram a sua identidade, são eles: Os DJs responsáveis por criar novos sons e bases, os B.Boy criando as danças e coreografias, os MCs responsáveis pela letras e improvisações..

A familiarização com o *hip hop* surgiu no Brasil na década de 80, através de bailes e lojas de discos especializadas localizadas nas galerias da Rua 24 de Maio na cidade de São Paulo. O Movimento foi tomando forma e consistência, reunindo pessoas no centro de São Paulo para danças *break* e improvisos de *rappers* aberto ao público. Desse período surgiram nomes como Thaíde & DJ Hum, MC/DJ Jack, Os Metralhas, Os Jabaquara Breakers, entre outros. A década de 1990 foi o auge do *hip hop* no país com a explosão dos Racionais MC's invadindo todas as rádios FM's.

Atualmente, os jovens gravam seus clipes e posteriormente “carregam” esse material no site *YouTube*.

Exímio exemplar das culturas marginais, o *hip-hop* surge como uma voz vinda das periferias, repleta de indignação e desejos de conscientização das comunidades negras ou empobrecidas. A estética desse movimento cultural – músicas, imagens, danças, cores, símbolos, tipografias – reflete o cotidiano das ruas e suas linguagens, rituais e vestuários, a vida dos grupos de bairro, a selva urbana e suas contradições, o orgulho de ser negro e da periferia (PRYSTON, 2008, p.121).

⁵ O *hip hop* surgiu nos Estados Unidos na década de 1970.



Eles encontram na internet local promissor para o desenvolvimento de suas atividades enquanto cidadãos. Essas práticas ganham importância na medida em que os grupos juvenis vão se destacando na esfera cultural, social, econômica e política. A juventude da contemporaneidade está em mobilidade constante em várias localidades. Isso favorece a comunicação que se reproduz paralelamente em relação com essas culturas de rua.

Assim, na segunda metade do século XX os jovens tornaram-se protagonistas das culturas de rua e, com eles, suas experiências e vivências metropolitanas transformaram-se em estéticas que, se inicialmente caracterizavam-se pelo tom alternativo e de pequenos grupos, aos poucos vão sendo absorvidas e legitimadas pelo campo da comunicação visual (PRYSTON, 2008, p.122).

Pryston ainda explica que tais culturas de rua adquirem status de produtos culturais como elementos da vida cotidiana. Os elementos como a imagem devem ser encarados a partir do contexto cultural de sua produção/apropriação. E isso engloba os “significados produzidos e compartilhados pelos grupos de pertencimento e os agentes e sujeitos envolvidos nestes sofisticados processos que articulam o campo da comunicação visual e a dimensão estética da vida diária de qualquer ser humano”. (2008, p. 123)

3 A música *gospel* no Brasil

A música *gospel* surgiu na cultura norte-americana como um gênero produzido para expressar a crença individual ou comunitária cristã. O significado da palavra *gospel* para o português é evangelho o que já traduz a sua finalidade de propagar os ideais cristãos. Por isso, suas letras apresentam conteúdos predominantemente religiosos como, por exemplo, o louvor e adoração a Deus.

Suas raízes remontam à mistura da cultura africana com as tradições dos povos europeus. Thomas Dorsey, compositor americano é considerado por muitos o pai da música *gospel*, pelo sucesso de: *There Will Be Peace in the Valley*⁶.

Já no Brasil, foi na década de 60 que o *gospel* ganhou representatividade no cenário musical através de grupos como os Vencedores de Cristo que viajavam para divulgar esse estilo nas igrejas evangélicas do país. Posteriormente nas décadas de 70 e 80, esse gênero passou por novas transformações com o uso do sintetizador e das novas

⁶ Canção famosa de Thomas Dorsey composta, em 1939, para Mahalia Jackson.



tecnologias. Além disso, recebeu influências de outros estilos como o *hip hop*, o rock e também da música européia erudita. Mas, a sua popularização no Brasil ocorreu mesmo no início do século XXI, com a consagração de cantores como Aline Barros, Fernanda Brum, entre outros.

Com o advento da internet, o estilo musical expandiu para a web com a criação de clipes por grupos religiosos e igrejas evangélicas que vêm na produção audiovisual uma forma de divulgarem seus trabalhos e também de conquistarem novos adeptos.

4 As galeras de Juiz de Fora e o Youtube

A nossa pesquisa surgiu da participação no grupo de pesquisa “Comunicação e Identidades”, do nosso interesse em mapear a produção audiovisual da cidade de Juiz de Fora atualmente. Desejamos descobrir o sentido que os conceitos comunidade e periferia carregam na representação de populações a margem da cidade.

Ao digitar “Periferia de Juiz de Fora”⁷ no campo de busca do *Youtube* foram encontradas duas páginas de vídeos utilizando tais termos como as palavras-chave para as produções, entretanto somente na primeira foi possível acessar vídeos relacionados à cidade. Nesta temos os links de 20 vídeos, sendo que um deles não dialoga com a pesquisa realizada pelo nosso grupo. Apresentamos neste trabalho o breve resumo dos 10 vídeos mais acessados organizados de acordo com o maior número de visualizações.

O primeiro vídeo “Quilombo do Campinho”⁸ é uma apresentação do grupo “Realidade Negra”(RN), do “Quilombo às margens da BR-101 em Paraty/RJ” no Café com *Hip Hop*⁹ que aconteceu em Juiz de Fora, por isso o vídeo aparece como um dos primeiros no buscador. A duração é de 5min e 31s, postado em um de abril de 2007, com 2.132 visualizações. “Capoeira Gerais Juiz de Fora”¹⁰ mostra o encontro de um grupo de capoeira na Rua Halfeld. A duração é de 3min e 40s, postado em vinte e um de agosto 2007, com 1.917 visualizações.

⁷Disponível em:

http://www.youtube.com/results?search_query=Periferia+Juiz+de+Fora&oq=Periferia+Juiz+de+Fora&aq=f&aqi=&aql=&gs_sm=12&gs_upl=5803917258710173849124122101121121015771191012-1.3.0.11510

Acesso em: 21 de abril de 2012.

⁸ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=Bw8gelPII7I> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

⁹ Competição de grupos de dança, hap, grafiteiros e DJs, no estilo de BBoys de toda a região de Minas Gerais.

¹⁰ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=vyzdaRtmGhw> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.



“Harmadilha do Gueto & Guettow X parte 02”¹¹ faz parte do ‘Vivendo na periferia parte 02’, gravado no Bairro Santa Cândida – Juiz de Fora – MG. Apresentam-se os grupos de *Hip Hop* “Harmadilha do Gueto” de Juiz de Fora e “Guettow X” de São João Del Rei. Produção “Ideia Forte” Dj Nonô. Foi postado no canal “nonodjhiphip”. A duração é de 6min e 40s, postado em dois de junho de 2008, com 1.105 visualizações.

Já “PZP – Posse Zumbi dos Palmares – Bandido”¹² é o clipe da banda “PZP – Posse Zumbi dos Palmares” escrito, produzido e dirigido pelos alunos do 5º período de 2005 do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Salgado Filho (Universo) de Juiz de Fora. Erê do *hip hop* é um dos *rappers* do clipe. A duração é de 4min e 44s, postado em dezoito de julho de 2009, com 1.055 visualizações. As imagens foram feitas entre os becos da comunidade, com personagens locais.

“Harmadilha do Gueto & Guettow X parte 01”¹³ pertence ao nicho “Vivendo na periferia parte 01”, gravado no Bairro Santa Cândida – Juiz de Fora – MG. Apresentam-se os grupos de *Hip Hop* “Harmadilha do Gueto” de Juiz de Fora e “Guettow X” de São João Del Rei. Produção “Ideia Forte” Dj Nonô. Foi postado no canal “nonodjhiphip”. A duração é de 8min e 19s, postado em dois de junho de 2008, com 1.035 visualizações.

“Veja Domingo Espetacular Jovens da Periferia de JF se juntam para criar gangues e planejarem”¹⁴ é uma reportagem veiculada pela emissora de televisão *Record* que retrata a situação dos jovens da periferia de Juiz de Fora - citada no vídeo como “cidade do interior de Minas Gerais”, estes que se reúnem nos bairros e formam gangues disseminando a violência entre si. A duração é de 18min e 19s, postado em dezesseis de maio de 2011, com 986 visualizações.

“Banda Império Cristão”¹⁵ é um clipe da música “Periferia sem Deus” (*Hip Hop*) apresentado pela Banda Império Cristão no teatro Pró-Música. A duração é de 5min, postado em vinte e quatro de maio de 2009, com 643 visualizações.

O vídeo “Juiz de Fora – Carriço”¹⁶ foi postado no canal: “Invisíveis Cidades” e se utiliza da obra restaurada do cineasta João Carriço para produzir um diálogo com a memória audiovisual e o passado de Juiz de Fora (passagens antigas do cotidiano da

¹¹ Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=j19iO_crffc > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

¹² Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=r-O5Kv17tgs> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

¹³ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=zstMayVpBI8> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

¹⁴ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=HdNs2wMK2rE> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

¹⁵ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=DolewfNDIgY> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

¹⁶ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=C6AokPeyJKc> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.



cidade). A duração é de 1min e 05s, postado em dois de julho de 2009, com 419 visualizações.

“Caçadores de pipas JF Minas Gerais Vila Esperança II”¹⁷ mostra o céu de Juiz de Fora “carregado de pipa” (nas palavras do cinegrafista amador). Gravação de moradores soltando pipa, feita em uma laje do bairro Vila Esperança II. A duração é de 52s, postado em trinta de junho de 2010, com 408 visualizações.

“mC Xuxú – Vem comer chuchu”¹⁸ é a música do disco ‘1° ROUND’ da Mc Xuxú, transexual, que morava no bairro carente Santa Cândida, pertencente à região Leste da cidade. Ela saiu da sua comunidade e reside atualmente no Rio de Janeiro. A artista busca sua realização na música *hip hop*. A duração é de 2min e 26s, postado em trinta e um de janeiro de 2012, com 80 visualizações.

Verificamos ao final da pesquisa que, ao digitarmos as palavras-chave “Periferia Juiz de Fora” no *Youtube*, encontramos vídeos que em sua maioria tratam de grupos de *Hip Hop* em suas composições (ao todo cinco vídeos). Grande contradição se faz presente ao adicionarmos as palavras-chave “comunidade Juiz de Fora” no buscador do *YouTube*, tanto em relação à quantidade, 376 resultados, quanto ao conteúdo apresentado.

Vale deixar claro que nem sempre a seleção feita pelo suporte virtual é realmente um filtro válido, já que os vídeos com maior número de exibição não foram produzidos em Juiz de Fora, nem mesmo são nacionais. E também que a cada acesso o ranking se modifica, mesmo usando as mesmas palavras-chave, de acordo com critérios estabelecidos pelo *YouTube*. É importante esclarecer que os vídeos presentes no nosso trabalho foram selecionados em fevereiro deste ano através da pesquisa no site. Entretanto, as produções audiovisuais da cidade são em sua maioria sobre apresentações de grupos *gospel* ou cultos evangélicos. São informes de igrejas, orações de pastores, ações em bairros feitas por essas instituições.

A baixa produção da periferia de Juiz de Fora impressiona pelo fato da cidade possuir uma representatividade cultural notável no cenário mineiro quando comparada com outros municípios de mesmo porte do estado. O ciberativismo e as revoltas que causam, muitas vezes, transformações sociais, não são elementos de destaque no conteúdo dessas populações. As discussões têm um tom narcísico, biográfico, e não uma participação ativa de pessoas que desejam ampliar o debate democrático pelo viés

¹⁷ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=djEMaosJXdU> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

¹⁸ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=mUaKXfyimkY> > Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.



do audiovisual com uma linguagem forte, expressiva do ponto de vista das demandas reais das populações que vivem a margem. O preconceito, as desigualdades sociais, o descaso do poder público, entre outros temas recorrentes na mídia ou em manifestações das favelas das metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo, não estão em pauta nas produções do município mineiro.

Temos, por exemplo, no Rio, o Festival Visões Periféricas¹⁹ que se auto define:

Como a periferia se vê? De maneira digital, como comprova o Festival Visões Periféricas 2010. Seja através de celulares, câmeras, ipods e outras ferramentas, é a partir das mídias modernas que ela se expressa cada vez mais. Não é à toa, então, que a quarta edição do evento conta com três oficinas de novas tecnologias, em meio a 99 filmes, de oito mostras diferentes, que serão apresentadas até o dia 24 de outubro. (SECRETARIA DE CULTURA RJ, 2010)

Neste caso, temos um festival voltado para o “olhar da periferia”, o que pode contribuir para aumentar a produção, ou ainda, talvez seja o fluxo contínuo de produções que cria a demanda para o evento.

Voltando para a discussão do que é realizado no contexto juiz-forano, durante as investigações importante questão se fez presente: por que a periferia é atrelada ao *hip hop* e a comunidade é ligada ao movimento religioso? O preconceito pelo que está à margem é presente até de forma subjetiva na associação. A ideia de grupo consistente que se manifesta e que tem opinião é o que gere as comunidades que se elegem na web como representantes de Juiz de Fora.

Faz-se necessária aqui uma análise dos sentidos e as diferenças que cada conceito suscita para compreendermos o porquê da preferência de um termo em detrimento do outro. Segundo Paiva (2004), a comunidade é caracterizada por:

Comunitário é quem confere valor à identidade, à proveniência, portanto, à origem: a via que conduz às raízes como às tradições. Comunitário é quem confere valor às relações sociais, religiosas, familiares e nacionais. Para o comunitário, a ligação não é a cadeia que o aprisiona e que limita sua liberdade, mas, ao contrário, o fio que o liga aos outros e que o sustenta. Comunitário é quem reconhece o seu lugar originário, assumindo-o como sua pátria; para ele não é insignificante ou fortuita a sua origem ou seu destino e sua relações. (PAIVA, 2004, p.64)

¹⁹ Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/materias/olhares-da-periferia> Acesso em: 08 de maio de 2012.



Já o termo periferia normalmente é utilizado para se referir aos grupos que estão “nas margens”, isolados, excluídos que não possuem representatividade do ponto de vista social.

O conceito de periferia foi forjado de uma leitura da cidade surgida de um desenvolvimento urbano que se deu a partir dos anos 1980. Esse modelo de desenvolvimento privou as faixas de menor renda de condições básicas de urbanidade e de inserção efetiva à cidade. Essa talvez seja sua principal característica, migrada de uma ideia geográfica, dos loteamentos distantes do centro. Mas é preciso lembrar que a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização. (ROLNIK, 2010)

Percebe-se, portanto que o significado atribuído à comunidade transmite a ideia de união, comunhão entre as pessoas, o que justifica inclusive a presença da temática religiosa em grande parte de seus vídeos. Enquanto que a periferia carrega um valor simbólico negativo de indivíduos unidos pelo fator comum da exclusão social, sendo associada geralmente a um lugar pobre, com altos índices de violência.

Temos como exemplo o vídeo “IEQ - Furtado de Menezes - Juiz de Fora – MG”²⁰, postado em nove de agosto de 2008, com 1975 visualizações. As imagens mostram um grupo de jovens da igreja dançando para membros do bairro no evento 6ª Feira da Colheita.

Outro vídeo é o do “Pr. Oziel – IEQ – Olavo Costa – Juiz de Fora – MG”, postado em vinte e cinco de julho de 2008, com 273 visualizações é um dos primeiros a aparecer na página do *YouTube*. Neste caso, é interessante observar que grande parte dos bairros que postam vídeos *gospel* possuem alto índice de violência. Segue o trecho da matéria do site do jornal *Tribuna de Minas*²¹, um dos representantes da grande mídia impressa em Juiz de Fora, comentando a situação do bairro em 2010:

Cento e oitenta e três homens das polícias Civil, Federal e Militar ocuparam ontem a Vila Olavo Costa, na região Sudeste, com uma megaoperação de combate ao tráfico de drogas e à criminalidade violenta, batizada de Sintonia. O principal objetivo foi desarticular a quadrilha que comandava o tráfico na área e levava medo à comunidade, praticando uma série de homicídios e tentativas de assassinatos. (TRIBUNA DE MINAS ONLINE, 2010)

²⁰ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=8WtjQLJIT14&feature=relmfu> > Acesso em: 22 de abril de 2012.

²¹ Disponível em: <http://www.jfclipping.com/tribuna/2010_06_17/geral10.htm > Acesso em: 22 de abril de 2012.



Observa-se nesse trecho como a mídia reproduz no seu discurso os sentidos intercambiados socialmente ao se referir a Vila como comunidade, mostrando assim que partilha o mesmo universo simbólico dos moradores da região.

Periferia e Comunidade aparecem com significações diversas e que abrigam grupos e produções audiovisuais diferentes, dependendo da maneira como os próprios moradores enxergam a si e ao lugar em que vivem. E também como determinam as palavras-chaves que servem como identificação dos vídeos no buscador do site.

Para complementar a análise feita no *YouTube*, desejamos perceber de que maneira essas criações audiovisuais são desenvolvidas nos bairros, quem as incentiva, como são elaboradas as ideias e etapas de produção e como as pessoas que se envolvem com os vídeos utilizam as ferramentas e os sites da internet a favor de sua divulgação e, principalmente, como definem a sua identidade na web. Para isso, realizamos uma entrevista²² com o Erê do *hip hop*, que participa dos cliques: “Bandido” e “Esmola Real” nas comunidades dos bairros Vila Esperança II e Esplanada²³.

Na fala de Erê, podemos notar como a linguagem do *hip hop* serve para atender as demandas das populações carentes, por construir um discurso que aborda questões, problemas, indignações vivenciados pelos indivíduos, dando assim visibilidade para comunidades locais que através da música ganham destaque nos meios de comunicação.

Falamos da nossa vida cotidiana. Cantamos o que sentimos e o que acreditamos. Sem hipocrisia. É de corpo, alma e coração, de pobre para pobre, do morro para o morro e o asfalto, sem discriminação. (ERÊ, 2012)

Essa visibilidade surge com o objetivo de se opor ao “lugar comum” que geralmente a mídia reserva para esses grupos que só aparecem quando se trata de casos de violência, crimes, tráfico de drogas etc.

É uma maneira mais econômica de mostrarmos os nossos trabalhos, não só do *Hip Hop*, mas de todas as culturas e trabalhos desenvolvidos pelo mundo alternativo. A comunidade se enxerga através de outras pessoas e de imagens que se identificam conosco. (ERÊ, 2012)

²² Entrevista concedida a autora Rafaella Prata, por e-mail, no dia 28 de fevereiro de 2012.

²³ Ambos localizados na zona Norte de Juiz de Fora, região conhecida por abrigar uma população mais carente.



No espaço do *YouTube* grupos e movimentos têm oportunidade de expor seus trabalhos livremente facilitando a divulgação de suas produções e conquistando reconhecimento por parte do público. Percebe-se que os membros da comunidade têm conhecimento do poder e da dimensão que seus materiais alcançam na rede.

Considerações finais

Podemos concluir que a web se tornou um espaço que promove a visibilidade do cotidiano tanto do indivíduo quanto do seu grupo social. A cidadania aparece independente do monopólio da mídia. Existe uma relação de maior proximidade com a técnica audiovisual devido à facilidade de produzir e postar conteúdos nos sites. Neste contexto, o *hip hop* aparece como a maior expressão identitária das culturas marginais, devido ao fato de sua linguagem trabalhar os conteúdos de uma maneira reivindicatória.

Observamos que os vídeos que aparecem no buscador do *YouTube*, referentes à periferia ou à comunidade de Juiz de Fora, mostram que não existe um volume considerável de representações que são realmente tradutoras do cotidiano das minorias da cidade. Na pesquisa relacionada ao termo periferia foram encontrados apenas 20 vídeos, sendo que cinco trazem clipes de *hip hop*. Já com o conceito de comunidade os resultados são mais expressivos com 376 vídeos que em sua maioria são sobre música *gospel*.

Percebemos, assim, o cuidado que as minorias têm na escolha dos termos comunidade e periferia, quando são selecionados para representarem suas produções audiovisuais na web. Periferia é mais associada ao movimento *hip hop*, enquanto que comunidade é mais identificada no discurso de grupos religiosos. O *gospel* aparece refletindo o modismo das composições na contemporaneidade. A popularidade do gênero é uma demanda latente do marketing dos CDs, shows e eventos, o que pode interferir nas produções de vídeos encontradas no *YouTube*.

O vídeo da transexual Xuxú é um exemplo de que sua produção é voltada para um interesse individual e mercadológico, ou seja, a venda de seus CDs que são conhecidos através de seus clipes no *Youtube*. Seu vídeo conta com 80 visualizações. Já o “Quilombo do Campinho” que foi feito em lugar frequentado pela comunidade e trata de uma apresentação de *hip hop*, tem a expressiva marca de 2.132 visualizações.



Diferentemente dos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, Juiz de Fora se mostra como uma cidade que ainda não possui uma cultura voltada para a mobilização social na web, preocupada em tratar temas de interesses comuns dos cidadãos. Talvez pela dificuldade de acesso às tecnologias, mas nos parece que realmente há ainda uma falta de amadurecimento dos grupos na forma de organização. Mas este é um tema que se possível deverá ser mais aprofundado em outros trabalhos.

Alguns vídeos ainda precisam da colaboração de grupos que possuem uma formação profissional para serem realizados ou ainda são propostos e dirigidos por pessoas que se interessam por essas comunidades, como é o caso do vídeo “Bandido”, com 1.055 visualizações, que teve ajuda de alunos da faculdade particular Universo. Talvez seja necessária uma cultura voltada para a educação dessas populações para que elas aprendam a produzir seus próprios conteúdos ganhando assim uma independência em relação à forma e o conteúdo, a produção, a edição e a postagem de suas produções.

Referências

BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. 1 ed., São Paulo: Ed Paulus, 2005.

FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (orgs) **Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Ed Paulus, 2007. (Coleção Comunicação)

LEONEL, Juliana; MENDONÇA, Ricardo Fabrino (orgs). **Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos**. Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2010.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2003

OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. **Tecnologias audiovisuais e transformação social: o movimento do vídeo popular no Brasil (1984-1995)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**. 1 ed., Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 1998.

PRYSTON, Angela; CUNHA, Paulo (orgs). **Ecos urbanos: a cidade e suas articulações midiáticas**. Porto Alegre: Ed Sulina, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria de comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2002.

Sites:

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=C6AokPeyJKc>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.



Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zstMayVpBI8>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HdNs2wMK2rE>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=j19iO_crfwc> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=DoIewfNDIgY>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Clipe BANDIDO: Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=r-O5Kv17tgs>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=r-O5Kv17tgs>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Bw8gelPII7I>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=djEMaosJXdU>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=mUaKXfyimkY>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vyzdaRtmGhw>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2012.

Entrevista concedida a autora Rafaella Prata, por e-mail, no dia 28 de fevereiro de 2012.

Disponível em: <http://www.youtube.com/results?search_query=Periferia+Juiz+de+Fora&oq=Periferia+Juiz+de+Fora&aq=f&aql=&aql=&gs_sm=12&gs_upl=5803917258710173849124122101121121015771191012-1.3.0.11510> Acesso em: 21 de abr de 2012.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8WtjQLJIT14&feature=relmfu>> Acesso em: 22 de abril de 2012.

Disponível em: <http://www.jfclipping.com/tribuna/2010_06_17/geral10.htm> Acesso em: 22 de abril de 2012.

Entrevista ROLNIK, Raquel: Disponível em: <http://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itau-cultural/> Acesso em 29 de abril de 2012.

Matéria Secretaria de Cultura RJ Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/materias/olhares-da-periferia> Acesso em: 08 de maio de 2012.

Disponível em: <http://www.hammond.com.br/latorre/artigos/gospel/gospel.htm> Acesso em: 08 de maio de 2012.